

Memórias do IFM

Emílio Ribeiro

Foi por causa da Física que, em 1968, entrei no IST para estudar engenharia electrotécnica. Mas não era a engenharia o que eu desejava: queria ser físico. Saído do D. João de Castro, por lá tinha sido aconselhado a ser primeiro engenheiro, se queria ser físico depois. Viviam-se então tempos obscuros onde a autoridade tinha como fim único a sua própria legitimação. Já no IST, ainda recordo o pesadelo das cadeiras de Desenho, aulas de muita humilhação e pouco de desenho, o mercado dos cadernos coloridos da química, os caracteres góticos do electromagnetismo... Tudo ao lado do que eu queria: a física certamente que não iria florescer em tal adubo.

Mas o futuro não é e não era previsível. Inexplicavelmente e não muitas vezes, a realidade embica, sem aviso prévio, noutra direcção. Ninguém pôde prever o Veiga Simão. Uma lei simples: o governo encontraria professores para leccionar cadeiras desde que um número mínimo de alunos o assim quisessem. Já não me lembro desse número mas tinha-se aberto uma janela de oportunidade. Foi assim que eu, o Jorge Romão, o Vítor Vieira¹, e o Collares Pereira² embarcámos no projecto, que visto de hoje, era, para todos os efeitos, o projecto político de refundação da física teórica, ao menos no IST. Reivindicá-

mos novas cadeiras, fomos respondidos e encontrámos um aliado: o Professor António da Silveira.

Um edifício recente e vazio

Este professor possuía – *possuir* é o termo – um edifício recente que estava vazio, e para lá fomos. De facto inaugurámos o IFM³. Os primeiros meses foram estranhos: éramos, conjuntamente com o António Silveira a sua secretária (que não era ainda a Humberta⁴) o guarda Lino⁵ e o Nuno Vaz⁶



Vista das instalações do IFM antigo (cima) e novo (baixo)



¹ Jorge Crispim Romão e Vítor Rocha Vieira são actualmente professores do Dep. Física do Instituto Superior Técnico (IST) (Nota: esta nota de rodapé e todas as deste artigo foram acrescentadas pelo editor para melhor identificação das pessoas e instituições mencionadas).

² Manuel Collares Pereira, actualmente professor da Universidade de Évora.

³ Instituto de Física Matemática, actualmente designado Complexo Interdisciplinar II (CII) da Universidade de Lisboa.

⁴ Bibliotecária do IFM.

⁵ Guarda do IFM

⁶ Funcionário superior da *General Motors* americana.

que, entretanto, se tinha juntado a nós, os únicos habitantes do IFM.

Lembro-me do primeiro curso que tivemos lá: Relatividade com a Madame Tonnelat. Seguiram-se algumas conferências avulsas, uma das quais ainda recordo por ter sido uma conferência absurda sobre compressores de ar. O conferencista, um pouco míope, arremetia com o ponteiro contra a tela de projecção, ameaçando trespassá-la com uma estocada mais vigorosa, o que irritou sobremaneira o António Silveira que era curto de pavio. O Lino era obrigado a assistir a todos os seminários. O Lino era inseparável dos seus cães. Não me recordo de todos. Mas é de justiça mencionar o Titã. Assim como já não me recordo da ordem pela qual se foi o IFM enchendo. Sei que o Vilela Mendes, o Teixeira, o Farinha Martins⁷ foram dos primeiros. Em 1974, o 25 de Abril apanhou-me enquanto fazia a último exame da licenciatura. À tarde fui, como muitos portugueses, ver a revolução. Algures entre a Almirante Reis e a Estefânia encontrei o António Brotas⁸, que havia sido meu professor de electromagnetismo e que, Brotas *oblige*, andava de caderninho em riste a perguntar aos militares que ia encontrando se estavam com a revolução ou com o governo. Não me admirei excessivamente. Apesar de saber, por contactos familiares, da iminência das movimentações militares, não sabia a data nem tinha dado demasiada importância ao assunto. Mas eis que me encontrava na rua a discutir com o António Brotas se a revolução ia ou não triunfar. Portugal ia mudar radicalmente e o IFM ia sentir as ondas de choque.

Os integrais não crescem nas árvores

Seguiu-se o PREC e este, no IFM, assumiu uma palavra de ordem e um objectivo político. A palavra de ordem: os integrais não crescem nas árvores; o objectivo político: transformar o IFM numa fábrica de vidro específico para a química. Lembro-me de discutir, um tudo nada temeroso, com um façanhudo marinho de barbas à D. João de Castro que, tão pasmado como eu, não sabia nem porque estava ali nem porque raios e coriscos o vidro só era revolucionário se fundido em provetas e balões. Era, no entanto, uma discussão assimétrica, pois do lado dele tinha a autoridade de uma G3 e o apoio tardo-esquerdista de alguns ilustres membros do IFM. Eu, do meu lado, nada tinha a não ser o não poder estar calado. Lá desistiram da fábrica e do vidro. Como não podia deixar de ser, houve um plenário para destituir o António da Silveira de Director do IFM. Este facilitou a vida aos que o queriam, de facto, sanear, recusando qualquer forma de compromisso, fosse qual fosse, mesmo que razoável. Foi demitido, afastou-se do IFM e morreria uns anos mais tarde. Foi uma página triste.

O PREC passou tão depressa como tinha chegado. Mudavam-se os tempos e mudavam-se, uma vez mais, as vontades. Farto da álgebra de Virasoro que só se iria fechar

⁷ Rui Vilela Mendes é investigador da Univ. Lisboa; J. Teixeira é investigador do CNRS em França; Assis Farinha Martins é investigador na Fac. Ciências e Tecnologia da Univ. Nova de Lisboa.

⁸ Professor jubilado do Instituto Superior Técnico.

muitas mais dimensões depois e do desejo-ordem do António da Silveira que fosse para Paris estudar supercondutividade, escrevi a uns tantos colégios de Oxford – os que me pareceram mais bonitos – para que me aceitassem como aluno de doutoramento. Deviam ter achado estranho o assunto, pois pediram para aparecer por lá para fazer um exame. Foi a minha primeira viagem de avião (o alcance máximo tinha sido a Ericeira) e acabei aceite pelo Richard Dalitz⁹ (mais tarde soube que outro português, também do IFM, tinha batido a essa porta). Enfim, voltei a contactar o que seria a futura realidade do IFM quando, incluído na selecção inglesa de Oxford pela mão do Llewellyn Smith¹⁰, parámos, em trânsito para Les Houches, vários dias no CERN. Não havia portugueses na Divisão Teórica, mas por lá encontrei um estudante, de nome Mariano Gago, que estava de serviço a um PDP. Mais tarde soube que ele (não sei se ainda estudante ou se já doutorado) mais o Jaime Gama tinham implementado o protocolo de adesão de Portugal ao CERN. Não sei se alguém, na então exígua comunidade científica portuguesa, teve conhecimento atempado disto. Eu seguramente que não, nem tinha que ter. Afinal, era um simples estudante de doutoramento.

A época do VAX: Oxford tinha-os, porque não nós?

Mas de uma coisa estou seguro: na altura, Portugal e o Reino Unido eram – e provavelmente ainda são – duas realidades científicas muito diferentes. Foi no Rutherford¹¹ que encontrei, pela primeira vez, o Dias de Deus¹². Mais tarde haveríamos de partilhar um gabinete no IFM. Após findar o doutoramento voltei ao IFM. Já estava quase cheio. Pouco tempo estive lá e fui para Nijmegen para um *post-doc*. Por lá me detive dois anos. Quando voltei trouxe comigo o Lou Somers¹³ e a firme intenção de dotar o IFM de meios de cálculo capazes. Nijmegen tinha-os, Oxford tinha-os, porque não nós?

Foi a época do VAX. Num verão implementámos o software o qual, nesses tempos idos, tinha que ser feito à mão, desde as delimitações de memória para a impressora, para o disco, para os utilizadores... um bico de obra, foi o que foi. Gastámos todo o Verão a implementar o sistema. Os utilizadores estavam distribuídos por grupos, sendo que cada grupo tinha um utilizador a que hoje se chamaria administrador. Arranjei-a bonita: todos queriam ser

⁹ Famoso físico de partículas de origem australiana, professor em Oxford na altura.

¹⁰ Christopher Llewellyn Smith, Director do Dep. de Física da Univ. Oxford (1987-92) e Director-geral do CERN (1994-98).

¹¹ Laboratório Rutherford Appleton, perto de Oxford.

¹² Jorge Dias de Deus, professor jubilado do Dep. Física do IST.

¹³ Estudante de doutoramento na Univ. Nijmegen, na altura.

administradores e todos se zangaram, sobretudo comigo, mas nem por isso deixaram de usar o ditoso VAX. Antes do VAX tinha existido a peregrinação ao IST-dos-Cartões-Perfurados, até que o Garrido¹⁴ trouxe do espólio Veiga Simão um velho e avariado PDP que o Cascais¹⁵ não só consertou, como o pôs a falar com uma impressora relapsa à custa de muita persuasão electrónica. Grande tipo o Cascais! Mas esse PDP era quase imprestável para cálculo científico, daí o VAX. Por essa altura o correio electrónico AHTML (Antes do HTML) de Lisboa(?) do País(?) passava pelo IFM (não existia ainda FCC¹⁶) e era, no software, mantido pelo Samuel Eleutério¹⁷ e, no hardware, pelo Cascais.

O ICTPOL (Instituto de Ciência e Tecnologia de Polímeros) nasceu no Verão, numa daquelas tardes de fogo comuns em Cartagena. Discutíamos, eu e Moncho, padrinho do meu filho e responsável máximo da refinaria de Cartagena, sobre a Ciência por terras de Portugal e Espanha. A propósito dos polímeros e outros materiais, Moncho dizia: em Espanha temos desde há dezenas de anos, desde os primeiros anos de Franco, o Instituto de Cauchú. A isto disse nada, pois nada existia em Portugal. Retornado a Lisboa, iniciei, juntamente com o Nascimento Rodrigues (jornalista do Expresso e sócio da Revista Futuro, da qual eu era director), o Projecto ICTPOL. Para o IFM coube um NMR e um equipamento completo de reologia que ficou entregue ao Diogo¹⁸. O primeiro presidente do ICTPOL foi o Gabriel Feio que definiu, conjuntamente com os colegas das universidades participantes, quais os equipamentos a adquirir, cabendo-nos a nós, ao Nascimento Rodrigues e a mim, o *lobbying* junto do Ministério da Indústria para o financiamento. Com o afluxo de colegas, com a serventia de salas quer para o ICTPOL quer para o centro de cálculo, deixou de haver espaço no IFM, para crescimento: urgia ampliar o edifício. No que me diz respeito, os Verões sempre foram benfazejos.

Desde um Pátio Andaluz até à Manta de Cristo

De Sevilha veio a inspiração: o novo IFM seria feito à imagem e semelhança de um pátio andaluz, mais precisamente um pátio andaluz do bairro de Santa Cruz. E assim foi. Mais uma vez foi preciso convencer o governo da bondade do projecto, segui-lo, fiscalizá-lo, emendar alguns erros de desenho – tal como aquele em que o elevador não tinha portas, fazendo que o poço do elevador fosse mais próprio para mísseis intercontinentais do que para transportar pessoas. Com paredes ventiladas, sistemas passivos de gestão de energia, janelas desenhadas pelo Collares Pereira, foi possível construí-lo, em terrenos da Câmara, não da UL. A construção lá progrediu com a maledicência usual – o que, mais tarde, não impediu a habitual corrida às novas instalações.

Um dia, chegado a casa, a minha empregada, assustada, informou-me que a polícia tinha lá estado a perguntar se eu tinha mudado os meus hábitos de consumo e se, em suma, eu tinha enriquecido subitamente. Tinha havido denúncia difamatória. Anónima, pois claro. Seguiu-se um inquérito que foi arquivado com a sentença lapidar de que raramente tinha o erário público sido tão defendido como naquela obra. Derrapagem zero. Nunca me preocupei em saber quem foram os delatores, apesar de ter uma ideia aproximada de quem poderiam ter sido. Mas tudo estava bem porque tinha acabado bem e, de repente, zás, o primeiro ministro da altura, o Cavaco Silva, extingue o INIC. Isto de extinguir tem muita tradição em Portugal. Construir tem menos. Portugal, bom aluno, inovava: era o único país a extinguir um Instituto Nacional de Investigação: o CSIC continuava, o CNRS continuava, o Max Planck continuava, todos continuavam, mas nós não. O que se seguiu copiou o destino da Manta de Cristo. O espólio foi rasgado e nós, os do tempo da fundação do IFM, fomos postos na situação de “termo de residência”, à guarda de um agente de segurança privada, contratado para o efeito. Este agente operava dentro do IFM e era diariamente abastecido com a lista de nomes dos que não podiam circular nos corredores, sobretudo os que davam para o novo edifício. Não é preciso dizer que eu, conjuntamente com outros colegas, nomeadamente o Vítor Vieira, estávamos no topo desta lista. No entanto, era-nos permitido ir à casa de banho mais próxima. Na prática, conseguiram expulsar-nos, tivemos de abandonar a casa onde durante tantos anos tínhamos trabalhado e ingressámos no IST.

Continuo a visitar o IFM. Tenho por lá bons amigos. Hoje, o chão especial para o ICTPOL foi destruído para albergar pessoal administrativo dos serviços partilhados. Quanto a nós, voltámos ao lugar de onde, há cerca de trinta anos, tínhamos partido para construir o IFM: o IST.

¹⁴ Prof. Catedrático de Uni. Católica de Lovaina, na altura.

¹⁵ Técnico Superior de Laboratório do IFM, na altura.)

¹⁶ Actualmente, Fundação para a Computação Científica Nacional.

¹⁷ Professor do Dep. Física do IST.

¹⁸ António Correia Diogo, Professor do Instituto Superior Técnico.